

TRAMA HUMANÍSTICA: A CULTURA COMO ABORDAGEM PERMANENTE ¹

Autor: Gustavo Henrique B. Petrovich*;
Co-Autor: Evaneide Maria de Melo**.

INTRODUÇÃO

Neste artigo, discute-se a concepção de cultura tangenciada pelo sociólogo Zygmunt Bauman (1998). Pois, acredita-se que o investimento feito pelo autor no amadurecimento, na problematização e na trama de idéias sobre este vasto território cognitivo, é facilitador epistemológico que auxilia na leitura que se faz da morte, do amor, das formas de entender o tempo e o espaço na ambiência que institui a vida.

Entretanto, falar e discutir o conceito de cultura nas ciências sociais parece uma tarefa das mais difíceis, devido à complexidade e amplitude da idéia que nunca se esgota; segundo o Bauman (1998), os conceitos assim como árvores, terminam por criar vida própria e alcançar caminhos distantes do seu local de origem. Assim, os conceitos estão datados na trajetória errante dos sujeitos históricos a partir de desafios, acontecimentos, vivências e enfrentamentos pelos quais se festeja e celebra as descobertas do saber.

Os conceitos são princípios de explicação para fenômenos históricos, rompem e instituem a concepção do conhecimento em escala dilatada. Pois, são elaborações e/ou esquemas de entendimento sobre os percursos históricos da sociedade, suas formas de representar o espaço no tempo. São facilitadores dos limites que o tempo interpõe no projeto de racionalização da vida. Assim, traduzir, instituir e produzir são verbos de correspondência semântica no enquadramento que compassifica os conceitos. No itinerário do saber os conceitos estão na emergência e significação da ordem, de forma que refletem a experiência individual-coletiva de quem o transformou em acontecimento.

¹ Artigo elaborado para a disciplina “Teorias Contemporâneas da Cultura”, ministrada pelos Professores Ceiza Almeida/UFRN e Edgar Assis Carvalho/PUC – São Paulo; sendo que esse artigo representa parte do processo avaliativo da disciplina.

* Mestrando do Programa de Pós Graduação em Ciências Sociais/PPGCS/UFRN, pesquisa realizada junto a Linha de Pesquisa: “Cultura, Mídia e Comunicação”.

** Doutoranda do Programa de Pós Graduação em Ciências Sociais/PPGCS/UFRN, bolsista *REUNI* – CAPES, com pesquisa integrada a linha: “Pensamento social, sistemas de conhecimentos e complexidade”.

Para melhor esquematizar a discussão suscitada precedentemente, o artigo exprime a forma pela qual Bauman (1998, 2007) problematiza a experiência ocidental na teia envolvente da cultura. Numa articulação de idéias com Sloterdijk (2000), pois estas reflexões são sintomáticas para o entendimento da cultura humanista, que tem como funcionalidade a criação das regras de domesticação humana.

PRONÚNCIAS, ACONTECIMENTOS E ESCRITAS NO DESLEVO DA CULTURA

Os conceitos são instrumentos estranhos; eles deixam compreender porque são ricos de um sentido que ultrapassa qualquer definição possível; pelo mesmo motivo são incitação perpétua ao contra-senso.

Paul Veyne (1982)

Na epígrafe acima se tem um termômetro do que se percebe na formação e deslevo de um conceito. Pois, a elaboração dos conceitos filia-se e estende-se a processos histórico-espaciais, a campos paradoxais, discursivos e práticas que transitam em domínios particulares e coletivos. Assim é que, Bauman (1998:161) ressalta “[...] mesmo as mais universais das noções nascem e adquirem forma na experiência particular das pessoas vinculadas a lugar e tempo específicos.” Desse modo, os conceitos são domínios quente-frios, variáveis, nos quais precede toda e qualquer forma de entendimento da cultura; por isso, é preciso submetê-la a uma crítica que desvele como esse conceito adquiriu forma. Assim, o exercício de problematização se integra as seguintes inferências: O que se tem na conceituação da cultura? Que significação foi feita da conceituação de cultura para humanidade? Por que e a quem foi e/ou é útil, estabelecer níveis de entendimento da cultura? A que interesses são validados na conceituação da cultura? A quem serve a cultura? A cultura é campo finalista e utilitário? A noção de cultura foi elaborada segundo prescrição?

Esses questionamentos funcionam muito mais como aposta e cenário de significação que auxilia no entendimento das principais idéias ressaltadas por Bauman (1998) sobre a cultura e o sistema mundo, e que contém, e constitui a “crise de paradigma”, tangenciada por certo discurso cultural que engendrou a partir de um prisma funcional, sectário, racional, imperial, reducionista e universalizante, no qual contribuiu muito mais para

tornar sociedades longínquas em campos pictóricos, selvagens, bestializantes, cuja razão impiedosa, tornou grupos culturais “diferentes” em estados inferiores.

De início, a noção de cultura nascida e configurada no século XVIII, trás como pressuposto a idéia de que somente através de uma “ação civilizadora”, o homem poderia domar sua bestialidade, seria preciso uma ação transformadora e orientadora para evoluir o ser humano do seu atual estado inferior. “A ação, uma ação combinada e ciente dos objetivos, é o único quebra-mar que protege as pessoas da maré do caos” (BAUMAN, 1998:160).

O conceito de cultura referido no século XVIII tem como determinante uma ação, ou seja, existia uma simbiose entre cultura e ação, de forma a herdarmos culturalmente uma estrutura dos saberes do conhecimento dualista: os que “fazem” e aqueles que são “feitos”, professores e alunos, os guias e os guiados, etc. Tal concepção de cultura assemelha-se a idéia de *humanitas* empreendida nos tempos de Cícero, onde para ele, *humanitas* representava uma sociedade letrada, dos que reuniam para ler, dar testemunhas do amor à leitura e guiar o homem no processo de desembrutecimento. Sloterdijk (2000:11) nos orienta a pensar esse domínio do saber cultural como caminho que domestifica, a quem precisa de descendentes preciosos. Desse modo, o autor enfatiza:

[...] a palavra *glamour* desenvolve-se a partir de Grammar: para quem sabe ler e escrever, outras coisas impossíveis serão igualmente fáceis. No início, os humanizados não são mais que a seita dos alfabetizados, e, como em muitas outras seitas, também nesta despontam projetos expansionistas e universalistas. Onde o alfabetismo tornou-se fantástico e imodesto, lá se produziu a mística gramatical ou literal, a cabala, que busca deliberantemente obter um insight sobre o modo de escrever do Criador do mundo. Onde, porém, o humanismo tornou-se pragmático e programático, como na ideologia ginásial dos Estados nacionais burgueses nos séculos XIX e XX, o padrão da sociedade literária ampliou-se para norma da sociedade política [...].

O ideário do humanismo relaciona-se com a visão de cultura do século XVIII, na medida que retoma a idéia de um clube ou de seita letrada predestinada de forma solidária, a alfabetizar os analfabetos e tirar de sua condição de selvagem; de certa maneira, a etiqueta “humanismo” são “fábricas de ordem” como cunhou Bauman (1998), ou seja, um modelo sistemático onde cada elemento tem uma função a desempenhar na harmonia de um todo; deste modo, o homem enquanto um sujeito selvagem deveria se submeter a normas e valores de conduta para desempenhar uma função útil no modelo de ordem concebido.

A partir de práticas, fazeres, saberes e investimentos é que o discurso moderno habilitou, acionou e moveu múltiplas forças no estilhaçamento das diferenças. A essa questão,

vejamos o que Bauman (1998, 162:164) sugere: “Todas as invenções modernas, a despeito de suas funções designadas, eram também (e talvez acima de tudo) fábricas de ordem, [...] a regra substitui o acaso e a norma ocupa o lugar da espontaneidade”, na medida em que “[...] como num dispositivo de antialeatoriedade, um esforço para estabelecer e manter uma ordem; como numa guerra contínua contra a aleatoriedade e esse caos que a aleatoriedade ocasiona. Na luta eterna entre ordem e caos, o lugar da cultura é inequivocamente no lado da ordem”.

Ao definir a cultura de acordo com as perspectivas de Bauman (1998), vale ressaltar que o sociólogo pensa e constrói seu conceito, na premissa de uma sociedade de consumo; sociedade que tem como base, a idéia de satisfazer os desejos humanos de uma forma que nenhuma sociedade do passado pode realizar ou sonhar.

Desejo que se transforma numa “*síndrome consumista*”, com predisposições cognitivas e avaliativas, onde os seres humanos constantemente se renovam no consumo e na busca de uma satisfação que nunca atinge; interessante esclarecer, que o consumo não se reduz a um simples ato de compra de mercadoria, pois fosse assim, bastaria não consumir para acabar a síndrome, entretanto, como bem destacou Karl Marx (1975) em sua obra “O Capital”, a mercadoria é um objeto externo cujas propriedades satisfazem as necessidades humanas de uma ordem biológica e fantasiosa.

O consumo em sua relação com a cultura é uma “fábrica de ordem” já que o individuo numa relação de alienação, vive se construindo e reconstruindo a identidade, sob uma lógica de vida efêmera e passageira. Assim, os padrões de consumo na sociedade vigente, são amplos a ponto de abarcar todos os aspectos e atividades da vida humana, seja consciente ou inconsciente, a qual Bauman (2007) chama de uma “marketização” dos processos da vida. O *marketing* que agora vai mais além do que o reino das trocas monetárias e estatísticas do PIB, altera as relações humanas no trabalho e no lar, no domínio público como na vida privada, de forma a transforma os problemas e angústias humanas num “produto solucionável”, mediante pacotes de felicidades que se encontram nas prateleiras das lojas.

Bauman (2007) destaca uma modernidade sem ilusão, caracterizada pela metáfora da liquidez das relações humanas e descartabilidade; uma condição humana que predomina o desapego e a versatilidade em meio a incerteza e constante recomeço; seria possível pensar em formas de resistência e liberdade plausíveis nesta sociedade moderna líquida? Segundo Bauman (2007), o consumo individual é conduzido num ambiente de uma sociedade de consumidores, a liberdade do individuo conduz a riscos que não podem ser previstos e calculados.

Este cidadão consumidor, ao mesmo tempo que é coagido numa cultura do consumo de uma “fábrica de ordem”, lhe é esperado que encontre soluções individuais para problemas sociais fabricados, como o desmantelamento de estruturas sólidas que garantem a segurança individual, tais como: família, comunidade, emprego, Estado, etc.

Segundo Bauman (1998), é útil pensar a definição de cultura tal como numa lógica de mercado, pois o processo de mercadorização é simultâneo ao nascimento do consumidor, ambos se realizam, mercadorias e consumidores potencialmente juntos, assim como a interdição cultural, mobilizante de um conjunto de signos apropriados pelas pessoas que só se realizam no seu uso e consumo.

Partindo do pressuposto da cultura como “fábrica de ordem”, onde fica a categoria do homem enquanto sujeito histórico capaz de transformar sua realidade? Será que os fenômenos culturais não dão conta das transformações da realidade contemporânea? Estas e outras inquietações nos levam a relegar em parte, a ortodoxia do conceito de cultura como algo completo, autorizado a determinar de forma estática o homem, e sim, ampliar a definição entendendo a cultura como um significado permanente.

A procura de uma metáfora ou paradigma, que nos leve a aproximar e explicar, dando conta das transformações contemporâneas, nos motiva a adotar o modelo da cooperativa de consumidores² utilizado por Bauman (1998); para ele, a experiência da cooperativa de consumidores, a qual difere da cooperativa da atualidade, foi responsável por uma flexibilização das relações *fabris* e reativação do papel de consumidores na vida da fábrica.

O que nos coloca a pensar a experiência idealizada do consumidor cooperativo como uma nova metáfora cultural? De início, a cooperativa de consumidores foge das rígidas relações de trabalho entre burguesia e proletariado, nela a espontaneidade exige uma ação organizada e intencional, todavia essa ação não se destina a brandar, mas a fortalecer a espontaneidade da iniciativa.

As ações na cooperativa, diferentemente de ações ordenadas como normas de conduta numa “fábrica de ordem”, seguem um misto de ordenação e acaso, uma contingência dos acontecimentos como define Bauman (1998); assemelha-se com a cultura, na maneira que o sujeito ao mesmo tempo é agente individual, faz parte de um sistema de engrenagem social.

² Consistia num modelo que inspirou os pais espirituais da sociedade de pioneiros eqüitativos quando, em 1844, inauguraram sua primeira loja em Toad Lane, em Rochdale.

A cultura é a contingência absoluta com a qual se nomeia as matrizes de significados existentes na história. E tudo o que se envolve a ela está na auto-afirmação como dependência “tanto a alegria da criação quanto a amargura da submissão” (BAUMAN, 1998:174). Tudo o que a cultura não consegue nomear, não faz parte da existência. Assim, a cultura humana reagrupa os sujeitos, os corpos, as escritas e os sentidos como campo perceptivo de produção histórica. Na trajetória percorrida pela cultura o que se tem são usos e consumos devoradores do tempo, tanto que Bauman (1998:172) sugere pensá-la enquanto atmosfera que procede na mercadorização dos sentidos. Ele diz:

[...] na cultura pode-se observar um contínuo excesso de signos, que somente na atividade de seu uso e consumo têm uma probabilidade de satisfazer o seu potencial significativo, ou seja, de transforma-se em *símbolos culturais*. Os significados são escolhidos pelos sinais, em vez de o contrário. [...] (destaque do autor)

A ambivalência de uma cultura como significado permanente, é o que define os consumidores na sociedade líquido-moderna, um eterno recomeço de uma vanguarda cultural que vive em metamorfose; já que a estabilidade e satisfação do indivíduo no sistema, anunciaria a morte da sociedade de consumo.

Segundo Peter Sloterdijk(2000) no livro “Regras para o parque humano”, o fenômeno do humanismo hoje merece atenção por recordar que as pessoas na cultura elitizada, estão submetidas a dois poderes de formação denominado: influências inibidoras e desinibidoras; tal definição cunhada por Sloterdijk (2000), assemelha-se com a visão de cultura que perpassa toda o pensamento de Bauman(1998), na medida que engloba uma antropodicéia de conseqüências biológicas e sociais.

Biológico, porque as marcas de uma cultura de consumo se inserem no corpo, no qual se mercadoriza e potencializa um tipo ideal de “boa forma” inalcançável; relações subjetivamente experimentais e vivenciadas de modo efêmero, a sociedade descrita por Bauman (1998), se reflete em relações de mutabilidade, desprendimento afetivo geral no campo privado e público, na fluidez das relações, no acabar dos contatos, agora de forma clara: conversa-se, negocia-se, fecha-se negócio evitando uma maior sociabilidade entre as pessoas.

Com efeito, o que se tem na geografia da cultural é um produto histórico consciencioso de seus sentidos e estratégias de deliberação. De forma que, para Sloterdijk (2000) a função do humanismo é uma projeção que se imbrica na trama da cultura como parte e parcela explicáveis mutuamente. No jogo de transmissão da cultura humanista, o grande ponto de significação foi estabelecido na correlação entre mensagem grega e assimilação

romana, no percurso, recepção e assimilação de sinais é que se tem uma geografia deliberativa da cultura ocidental, em que “às culturas européias posteriormente” (SLOTERDIJK, 2000:8) se lançam como emissárias da cultura humanista.

Essa singularidade da cultura humanista traduzível na objetivação dos sentidos, fazeres e poderes estabelece um processo depositário da sociedade literária. Nesse sentido, a escrita e a leitura são manifestações estabelecedoras do humanismo. Assim, na constituição de um esquema universal humanista a transmissão da palavra, dá testemunho de uma prática que circunscreve um lugar comum à história da cultura, e vice-versa.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com base nas principais idéias dos dois autores tratados ao longo do artigo, temos um panorama sintomático de todo o percurso irresistível com a qual a cultura aglutina na domesticação dos sentidos, fazeres, e sujeitos históricos, sendo um exercício que está disseminado em todas as instâncias da vida social. Por isso, é preciso destacar que ao longo dessas reflexões por nós aderidas, não são apresentados receituários prescritos como antídotos à cultura humanista, até porque se incorreria no mesmo erro que perpassou a modernidade – a substituição do antigo pelo novo – dada as crateras irreparáveis que foram engendradas a partir da impiedosa visão de cultura que se privilegiou.

A cultura como operação e síntese social, é muito mais para Bauman (1998) e Sloterdijk (2000), um fenômeno que não se esgota e não se reduz a esquemas estruturados na megalomaniaca ilusão da doutrina política e econômica, que tanto se posicionou na correção dos desviantes, dos despossuídos, e desapropriados, pois o que há são deslocamentos de sentidos, e nada é mais parâmetro de completude.

Nesse sentido, é preciso pensar outro caminho possível para a cultura, principalmente porque estamos lidando com uma crise de paradigmas sem precedentes, na qual a cultura não pode se deixar guiar pelos pressupostos da ordem, da normalidade, da intolerância, da estrutura de valores sem relevância. Antes de qualquer conceituação de cultura, é preciso acreditar nesse campo integralizador da vida como lógica do sensível.³

³ Bauman (1998) diz que é possível discutir infinitamente sobre cultura e que não chegar à natureza real dos fenômenos culturais. Contudo, ele entende que Lévi-Strauss é o pensador que consegue revolucionar o território dos estudos culturais porque consegue formular uma teoria sobre o campo cognitivo do sentir e do sensível, que adentra ao domínio da arte, da estética e do pensamento selvagem, que pensa como sensibilidade para ouvir, ser, e estar no mundo.

Portanto, a cultura como significado permanente da condição do homem, é tanto uma gaiola que aprisiona em sua inscrição e seu código, como também uma chave que liberta a bestialidade inerente ao ser humano. Zygmunt Bauman (2000, 1998) em sua sociologia que tem como principal vertente estudar a sociedade de consumo, nos convida a pensar e refletir, desconstruindo os principais valores da modernidade, levando-nos a constantes incertezas, seja na vida individual como nas relações em sociedade.

BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

ALMEIDA, Maria da Conceição. Borboletas, homens e rãs. In.: **MARGEM** – Revista da Faculdade de Ciências Sociais. PUC/SP. Nº 15(jun. 2002). São Paulo. ISSN: 0103-8915.

BAUMAN, Zygmunt. **O mal estar da Pós-Modernidade**. Tradução Mauro Gama e Cláudio Martinelli. Rio de Janeiro. Jorge Zahar Editor. 1998.

_____. **Vida Líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2007.

MARX, Karl. A Mercadoria. In: **O Capital**. 3ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1975. Livro 01, Vol. I, Cap. I. p. 41-93.

SLOTERDIJK, Peter. **Regras para o Parque Humano**. Tradução de José Oscar de A. Marques. Uma resposta à carta de Heidegger sobre o humanismo. São Paulo, Estação Liberdade, 2000.

VEYNE, Paul Marie. **Como se escreve a História: Foucault Revoluciona a História**. Brasília: Ed. UNB, 1982.